

RESENHA

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**; tradução Werter Holzer. – São Paulo: Perspectiva, 2011, 173 p.

A geografia como oxigênio da alma

TARCÍSIO VANDERLINDE*

A proposta de Eric Dardel questiona a cientificidade como único meio de construção do conhecimento geográfico. Haveria uma relação concreta que liga o Homem à Terra, uma *geograficidade* que se apresenta como modo da existência humana que precisaria ser considerada. Seria, portanto necessário resistir ao espírito do pensador que, em nome de uma razão muito rígida e muito imperiosa costuma entorpecer a liberdade espiritual. Para Dardel, as doutrinas contemporâneas do desespero e do absurdo, em contraste com a extraordinária habilidade técnica e científica, geraram um desencantamento do universo. Em decorrência, emerge um saber que nivela os relevos, aniquila as diferenças e apaga as cores. “Um dos dramas do mundo contemporâneo é que a Terra foi ‘desnaturada’, e o homem só pode vê-la através de suas medidas e de seus cálculos, em lugar de deixar-se decifrar sua escrita sóbria e vívida” (p. 96).

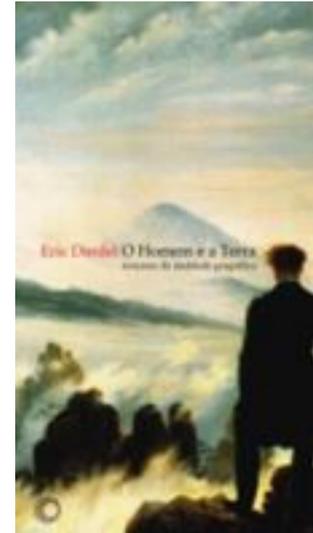
O texto original de Dardel completou 60 anos em 2012 e nele é possível perceber a influência de um pensamento crítico à forma de se “fazer geografia” na França durante o período em que o escrito emergiu. Mas percebem-se também as consequências resultantes de um conflito global evidenciado pelo poder de destruição do homem e onde se permitiu o aniquilamento “científico” de vidas em campos de concentração. Contudo, a visão de um mundo movido pelo egoísmo e por uma visão utilitarista da natureza também aparece em diálogos que Dardel estabelece

com Josué de Castro em “Geografia da Fome”. A

conclusão é que a multiplicação de pontos de vista sobre a Terra levou a um saber pretensioso e arrogante: ganhou-se em extensão, perdeu-se em profundidade.

Pouco lembrado nas décadas seguintes, “O Homem e a Terra” revela uma atualidade surpreendente ao ser traduzido de forma sensível por Werter Holzer. Deve-se também ao professor/tradutor oportuna análise sobre “A geografia fenomenológica de Eric Dardel” em anexo ao texto principal. De valor não menos importante, escritos de autoria de Eduardo Marandola Jr. (prefácio) e Jean-Marc Besse (anexo) contribuem de maneira particular para uma melhor compreensão da obra deste meio esquecido, mas significativo geógrafo humanista.

Ao discutir a contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia, Paul Claval considera a obra de Dardel como sendo original. Destaca a influência intelectual de Heidegger e Mircea Eliade nas formulações teóricas do autor e considera o texto *L’Homme et La Terre* ter sido escrito numa linguagem magnífica, clara, musical. Sobre a ideia central enfocada na obra por Dardel, Claval observa: “A geografia tinha de explorar o sentido humano da presença humana na superfície da Terra. Pela primeira vez, o sentimento religioso, os



mitos, a dimensão imanente ou transcendente de alhures, de onde a vida é julgada, tornaram-se centrais da análise geográfica”¹.

O texto é organizado em duas partes. Na primeira Dardel discute a paisagem e os diversos espaços geográficos. O autor percebe aí uma cumplicidade entre o Homem e a Terra, sendo que os hindus são mencionados como exemplo dessa relação. Contudo Francisco de Assis também é lembrado pela união e por um parentesco espiritual com o vento, com a água, com os pássaros, com as flores, com as abelhas (p.6). O espaço geográfico não é percebido apenas na superfície ou por uma interpretação meramente intelectual. Há uma imaginação criativa que poderia se manifestar pela experiência na interpretação do espaço, ao que Dardel indaga: “Quem tem razão aqui, a ciência que tende a reduzir o mundo a um mecanismo ou a experiência vivida que se apropria do mundo exterior ao nível do fenômeno?” (p. 22). A geografia autorizaria uma fenomenologia do espaço. Esta percepção nos libertaria do espaço desumano do geômetra, por exemplo. Um espaço vivenciado pela experiência nos colocaria em “um espaço que se dá e que responde, espaço generoso e vivo aberto diante de nós” (p. 26). Neste caso, mais do que um conceito, a paisagem em sua essência não seria feita em primeiro lugar para se olhar. Ela revelaria “a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social” (p.32).

Na segunda parte, de maneira peculiar, Dardel problematiza uma história da geografia. Nesta direção há um aspecto *a priori* que precisaria ser considerado nessa

história e que só faria sentido se a Terra não fosse considerada um dado bruto. Haveria necessidade de estabelecer uma consciência que só poderia ser materializada a partir de uma interpretação resultante da relação entre o Homem e a Terra: “Sempre transita entre o Homem e a Terra uma interpretação, uma estrutura e um ‘horizonte’ de mundo, um ‘esclarecimento’ que mostra o real no real, uma ‘base’ a partir da qual a consciência se desenvolve” (p.48).

Ao discutir a história da geografia na sua fase mítica, Dardel lembra que “nenhum fato pode refutar jamais a interpretação mítica, porque só o que é garantido pelo mito se torna verdadeiramente real” (p.54). “[...] o mito, sempre colocado sobre as coisas, para as fundar, é precisamente o que faz a realidade aparecer como realidade, e a realidade confirma a todo momento o fundamento mítico” (p. 65). Haveria uma força de coesão transmitida pela Terra à comunidade humana que se revelaria por uma relação totêmica. O conhecimento formal solitariamente seria incapaz de mensurar elos afetivos que ligam o ser humano a Terra e ao ambiente onde vive: “uma árvore ou uma vaga não podem nunca se tornar coisas ligadas ao homem por uma relação de conhecimento; são sempre seres que participam afetiva ou coletivamente, como manifestações de poder da vida esparsa em seu ambiente” (p.60).

No contexto da história da geografia, Dardel vê com reservas o que chama de “A Terra na interpretação profética”. Na interpretação profética, a terra teria sido dessacralizada. Os elementos naturais deixaram de ser seres para se transformar em sinais e testemunhos de um poder transcendental. Contudo esta forma de ver o mundo, sem o procurar expressamente, teria lançado o Homem numa fase da história da geografia que o autor identifica como “Geografia Heroica”: aquela que envolve riscos. “Compreensão da Terra em

¹ CLAVAL, Paul. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 157.

que o espaço geográfico é considerado como um espaço a descobrir, apelo à aventura, ampliação da morada terrestre fixada pela tradição e pela vida em grupo” (p. 71). A busca por paraísos terrestres, ilhas lendárias, como *Antilia* ou *Brasil*, povoam o imaginário no período da geografia heroica que se identifica com a fase das grandes navegações e descobertas. Paralelamente surge uma produção literária que busca dar conta do imaginário que emerge nessa fase. A *Utopia* de Thomas Morus, *Viagens Imaginárias* de Swift constituem exemplos dessa literatura. “Não existe um povo que não tenha admitido um ‘país da alma’, um ‘outro mundo’ a se procurar além do horizonte, e, contudo terrestre” (p. 75).

Ancorada na “geografia heroica” surge a “geografia das velas desfraldadas” expressão que o autor empresta de Lucien Febvre. Ela é propriamente um capítulo da “geografia heroica” e aponta para o ambiente em que a nova geografia deveria ser produzida. É a geografia decorrente do estudo de campo, das viagens, das explorações: “Ela se opõe, numa formulação bem sucedida, à ‘geografia de gabinete’ ou de laboratório, aquela dos cientistas trabalhando com documentos, cartas, fotografias, estatísticas, relatórios de viagens” (p. 78). A geografia de laboratório não é descartada por Dardel, contudo ela exige uma postura mais aberta para a Terra. Exige uma intenção que ultrapasse uma motivação que se satisfaz em pesquisar as bases das trocas comerciais e da política, por exemplo. Na visão de Dardel, uma geografia científica é aquela que permite a surpresa, a dúvida diante da justificativa de mitos e lendas: “É necessário que os homens se surpreendam

com os fatos com que se deparam, que ultrapassem esses fatos como simples existentes” (p. 84).

Na visão de Dardel a geografia precisa surpreender e provocar uma inquietude no ser humano, pois ela responde um interesse existencial do mesmo. Ela exige o rompimento de um quadro fechado onde homens vistos como objetos passem a se sentir como sujeitos. Sujeitos de um mundo em que a natureza já desfigurada ameaça ruir. A atualidade de Dardel é revolucionária ao defender que “É necessário [...] compreender a geografia não como um quadro fechado em que os homens se deixam observar tal como insetos de um terrário, mas como o meio pelo qual o homem realiza sua existência, enquanto a Terra é uma possibilidade essencial de seu destino” (p. 89). Dardel apela à poesia de Stefan George, como metáfora de um pensamento livre, uma fonte capaz de revigorar incessantemente o conhecimento em direção ao mundo exterior:

Por quais sortilégios sorriem essas
manhãs da Terra tal como seu primeiro
canto? Canto de uma alma pasmada

Mundos rejuvenescidos que levam o
vento

Antigos perfis dos montes que
mudaram de feição

Como os pomares da infância onde se
vê flutuar as flores

A natureza estremece com o arrepio da
Graça...

Recebido em 2013-04-08
Publicado em 2013-07-06



* **TARCÍSIO VANDERLINDE** é Doutor em História pela UFF e Professor Associado da UNIOESTE.